

RSV – Práticas juvenis em contextos recreativos

Susana Henriques

CIES-ISCTE; UAb

Introdução

RSV – Recreative Safe Vibe é um Projecto de Intervenção Focalizada desenvolvido junto de jovens em espaços recreativos nocturnos, financiado pelo Instituto da Droga e da Toxicoddependência e promovido pela Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Nazaré. O âmbito da intervenção é a prevenção selectiva e indicada do consumo de substâncias psicoactivas, bem como a redução de riscos e minimização de danos face a consumos continuados ou esporádicos.

A intervenção assenta numa metodologia de investigação-acção e privilegia a dinâmica interpares. A metodologia de investigação-acção permite um maior conhecimento do contexto, das práticas culturais, de consumo e estilos de vida dos jovens frequentadores em contexto urbano, ao mesmo tempo que permite monitorizar e ir ajustando as estratégias de intervenção. A dinâmica interpares é aqui entendida como um facilitador do processo de identificação dos jovens frequentadores com a equipa técnica aumentando, assim, a sua receptividade face às estratégias de intervenção.

O Projecto desenvolveu-se na zona centro-litoral de Portugal – Leiria no *Beat Club*, Nazaré no *Nafta e Blá Blá* e Caldas da Rainha na *Green Hill* – e tem sido acompanhado e avaliado no âmbito do CIES-ISCTE, através da supervisão das acções no terreno, conjugando momentos de recolha de dados quantitativos com momentos de pesquisa etnográfica.

Nesta comunicação pretendemos apresentar os resultados da avaliação realizada, relativamente à caracterização dos jovens frequentadores de espaços recreativos nocturnos em contexto urbano, à intervenção realizada ao longo de dois anos de intervenção (acções de preparação técnica dos pares para a intervenção, de acompanhamento e supervisão no terreno, de sensibilização realizada ao staff dos espaços recreativos parceiros do *RSV*, das acções de treino de competências com o grupo-alvo sinalizado entre os frequentadores) e ao balanço final da intervenção. Para tal, começamos por apresentar os dados relativos ao diagnóstico

realizado junto dos espaços parceiros do Projecto, seguidamente, apresentamos os resultados das acções dinamizadas com o grupo de voluntários e com o *staff* dos espaços recreativos nocturnos, finalizamos com uma síntese da intervenção com um grupo seleccionado entre os frequentadores desses espaços.

1. Diagnóstico

Para a elaboração do diagnóstico partimos de alguns dados de caracterização da situação actual sobre as substâncias sintéticas que nos remeteram para “... a crescente necessidade de formular respostas sensíveis à natureza complexa e multifacetada do fenómeno da droga actual” (EMCDDA, 2006:5). No entanto, a fase mais exploratória deste projecto alertou-nos para o pouco conhecimento sobre novos padrões de consumo, associados às substâncias sintéticas em contextos recreativos, sobretudo, de nível micro. Ou seja, concretamente na população para a qual se orienta esta intervenção, nesta zona geográfica – Leiria, Nazaré, Caldas da Rainha e Peniche – não há dados sobre a incidência e prevalência do uso / abuso de substância psicoactivas sintéticas.

Suportámo-nos, desta forma, em duas linhas de informação que reforçam a necessidade da intervenção assente no aprofundamento do conhecimento a partir do estudo de diagnóstico. Um estudo de carácter qualitativo desenvolvido na zona centro do país, em que os consumos de substâncias sintéticas aparecem estritamente associados aos contextos recreativos de música e dança – festas, raves, discotecas... (Henriques, 2003). A segunda linha resultou de um trabalho exploratório de observação etnográfica e entrevistas não estruturadas (conversas) informais em espaços recreativos da zona de intervenção do Projecto.

Partindo deste material, definimos dois eixos teóricos que vão orientar a intervenção, desde a fase do diagnóstico. O primeiro eixo refere-se à *Prevenção Selectiva e Prevenção Indicada*, que dirige a acção do Projecto para um subgrupo específico da população geral, jovens em contextos recreativos, o que pressupõe que todos os elementos pertencentes a esse subgrupo estão em risco por pertencer a um determinado segmento com características identificadas como de risco – indivíduos com padrões de consumos de substâncias sintéticas em contextos recreativos (Borges e Filho, 2004). O objectivo desta intervenção mais alargada – baseada em estratégias informativas – é deter ou retardar o abuso de substâncias sintéticas. Serão,

também, alvo de intervenção estratégica os pares-voluntários e o *staff* através de estratégias formativas. O segundo eixo refere-se aos *Factores de Risco e Factores de Protecção* e assenta no pressuposto de que os programas de prevenção devem focar-se, quer na redução dos factores de risco, quer no desenvolvimento dos factores protectores (Jessor & Jessor em Borges e Filho, 2004). Assim, pretendemos perceber (a partir da análise, tratamento e apresentação dos dados recolhidos junto do grupo-alvo) quais os factores de risco e de protecção do grupo-alvo, nos diferentes domínios (individual, familiar, grupo de pares, comunitário / institucional, meio social / sociedade) e quais os associados ao consumo de substâncias sintéticas em espaços recreativos. Importa esclarecer que estas questões não cobrem todos os aspectos enunciados pelos eixos teóricos, o que se ficou a dever a uma opção de ordem pragmática.

Daqui resultaram as principais interrogações orientadores desta fase da pesquisa:

- * Quais as substâncias consumidas pelos frequentadores dos espaços recreativos nocturnos?
- * Qual a percepção do risco que estes frequentadores têm em relação às várias substâncias?
- * Que conhecimentos revelam face aos cuidados a ter, em caso de consumo?

Através da articulação conceptual proposta – *factores de risco, factores de protecção, percepção dos riscos e redução de riscos e minimização de danos* – pretendemos identificar tendências e factores que conduzem ao encontro e fixação no consumo de substâncias sintéticas (embora, possam ser, também, identificados noutras substâncias). Desenvolveram-se, assim, perspectivas teóricas e um modelo de análise que equaciona diferentes dimensões analíticas para dar conta dos factores a ter em conta no desenvolvimento de estratégias de prevenção selectiva e de prevenção indicada, que poderão influir nas trajectórias de consumos de substâncias sintéticas.

Nesta fase do diagnóstico, recorreremos a uma complementaridade metodológica que nos permitiu cruzar informações de natureza diversa centrada nos frequentadores de espaços de diversão nocturna e nas dinâmicas associadas a estes espaços. Referimo-nos, aos inquéritos por questionário realizados junto dos frequentadores dos espaços recreativos parceiros do Projecto. Mas também a um registo de cariz mais etnográfico que passa pelo registo de informações, observações, impressões, conversas, num diário de bordo¹ dos pares-voluntários

¹ A título de curiosidade, esclarecemos que, habitualmente, este tipo de instrumentos, aparece designado como “diário de campo” (Fernandes, 2002; Carvalho, 2007). No entanto, os pares-voluntários residentes na zona da

implicados na intervenção. Estes registos têm sido realizados nos espaços referidos, mas também em momentos mais pontuais, fora dos espaços de diversão nocturna parceiros do Projecto (onde a intervenção tem um carácter mais continuado). Trata-se, até agora, das Semanas Académicas de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, bem como do “Uma só Voz Festival” realizado na ESAD (Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha).

Desta forma, a par dos inquéritos por questionário, procedeu-se a estratégias de recolha de informação de cariz etnográfico. Estes registos resultam da presença dos voluntários (e equipa técnica) nestes contextos, da observação resultante dessa presença, bem como, das conversas informais encetadas com os frequentadores no âmbito do Projecto, seja a pretexto do preenchimento dos questionários ou da distribuição de material informativo ou promocional. Durante estas conversas informais foi, ainda, possível recolher um conjunto de contactos de frequentadores dos espaços recreativos, consumidores de substâncias sintéticas que mostraram disponibilidade para integrar as acções interpares (apresentadas com maior pormenor no ponto 3 deste artigo).

Como já referimos, foram aplicados inquéritos por questionário a frequentadores dos espaços de diversão nocturna parceiros do *RSV*. A selecção dos respondentes foi aleatória entre os frequentadores presentes nos espaços recreativos que se mostrassem receptivos e a recolha de informação decorreu entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2008. Apresentamos, de seguida uma análise preliminar dos dados recolhidos. De notar que, embora nem todos os inquiridos tenham respondido a todas as questões, consideramos sempre o total dos inquéritos por questionário aplicados para o cálculo das percentagens de resposta a cada um dos itens.

Dos 101 frequentadores de espaços recreativos que responderam ao inquérito por questionário 44,6% são do género feminino e 48,5% do género masculino. As suas idades variam entre os 16 e os 39 anos.

Relativamente aos **consumos** destas substâncias, só a Ketamina não aparece entre os consumos referidos pelos inquiridos, como se pode ver no quadro a baixo.

Nazaré manifestaram preferência pela designação “diário de bordo” (normalmente associado ao contexto marítimo). Daí a adopção desta última referência, já que os objectivos de registo de ocorrências são coincidentes em ambos os instrumentos.

Quadro 2 – Consumos dos frequentadores dos espaços recreativos (em %)

Substâncias	Nunca	Consumiu	Consumiu	Consumiu	Consumiu nos	
Consumos	experimentou	Experimentou	algumas vezes	ano passado	mês passado	últimos 7 dias
Tabaco	8,9	9,9	40,5	5,9	4,9	41,5
Álcool	4,9	1,9	43,5	4,9	4,9	53,4
Cannabis	42,5	15,8	20,7	6,9	2,9	9,9
Ecstasy,						
pastilhas	81,1	8,9	3,9	0,9	0	0
Cocaína	87,1	2,9	3,9	0	0	0
Heroína	90	0,9	1,9	0	0	0
Ácidos	86,1	4,9	3,9	0	0	0
Cogumelos						
mágicos	88,1	3,9	2,9	0	0	0
LSD	89,1	1,9	1,9	0	0	0
Esteróides						
anabolizantes	93	0,9	0	0	0	0
Psicofármacos	83,1	2,9	6,9	0	0	2,9
Inalantes	90	1,9	1,9	0	0	0
GHB	89,1	0	0,9	0	0	0
Ketamina	94	0	0	0	0	0

Relativamente à expressão dos consumos aqui apresentada devemos ter presentes alguns aspectos que tiveram influência nestes dados. Em primeiro lugar, o facto do inquérito ter sido preenchido nos contextos de diversão nocturna o que coloca alguns constrangimentos que se prendem com as questões da fidelidade dos dados e respectiva confidencialidade, já que acontecem algumas situações em que o preenchimento é feito na proximidade do grupo de amigos. Outro dos constrangimentos associados a estes contextos, com reflexo nos dados obtidos, tem que ver com as condições ambientais, tais como, fracas condições de luminosidade (pode dificultar a leitura), elevado ruído ambiente devido à música alta e à conversação (pode dificultar a concentração e a interpretação das questões). Ainda o facto do assunto ser sensível, já que o consumo de substâncias ilícitas é socialmente reprovado, procurando-se, por isso, mantê-lo oculto e os consumos de substâncias sintéticas podem ser bastantes discretos. Finalmente, um conjunto de constrangimentos que resultaram do próprio instrumento, associados a dificuldades de interpretação (por exemplo, ambiguidade na questão da unidade de medida das quantidades consumidas), ou a dificuldades que se prendem com o próprio desenho do questionário e com a sua extensão.

Pretendemos, pois, reforçar a ideia de que, embora estes dados não revelem a expressão dos consumos de substâncias sintéticas, os objectivos do Projecto não ficaram comprometidos. Isto porque, daquilo que nos pudemos aperceber – pela observação realizada e pelas conversas informais – estas substâncias estão presentes nestes contextos e entre os seus frequentadores, mas com uma presença mais forte nuns momentos (festas de Dj’s, por exemplo) do que noutros. Neste sentido, se por um lado, tivemos presentes todos os constrangimentos apresentados e a sua influência nos resultados obtidos, por outro lado, não podemos perder de vista que o desenho deste Projecto assenta na adequação das estratégias a implementar em função do aprofundamento do conhecimento em relação aos espaços recreativos nocturnos, designadamente, no que diz respeito às suas dinâmicas e aos seus frequentadores. Procuramos, por isso, fazer destes dados uma leitura crítica que facilite essa adequação.

Nesta linha, não podemos deixar de ter em conta que os resultados encontrados relativos aos consumos revelam pouca expressão das substâncias sintéticas e forte expressão de outras substâncias como o álcool, o tabaco, a cannabis e mesmo os alucinogénicos (se considerarmos cumulativamente os valores dos ácidos, cogumelos mágicos e LSD temos um total de 8,9% dos frequentadores que consumiram “algumas vezes” estas substâncias). Olhando para o gráfico seguinte, que apresenta os consumos de uma forma agregada, ou seja, independentemente da frequência com que ocorrem, esta ideia fica mais clara.

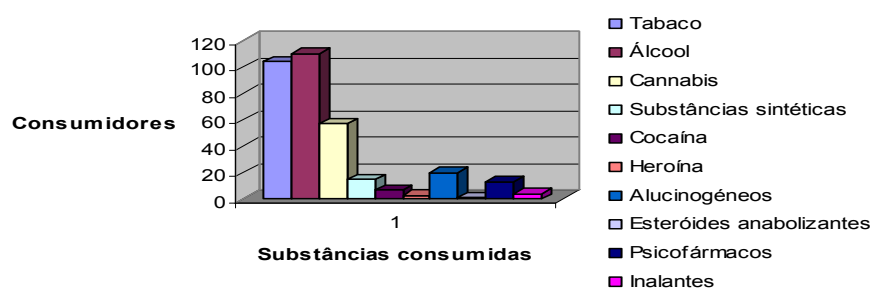


Figura 3 – Substâncias consumidas

Os factores explicativos destes resultados parecem-nos residir em duas dimensões que se relacionam com as rotas associadas aos consumos das diversas substâncias. Por um lado, no facto de nos espaços em que o Projecto está a intervir, pelas suas características, o consumo de substâncias sintéticas aparecer associado a determinados eventos específicos (como já

referimos). Em síntese, por tudo isto, parece-nos importante que o âmbito de intervenção do *RSV* tenha em conta as outras substâncias, para além das sintéticas.

Quanto à **percepção dos riscos** associados ao consumo de substâncias, de uma forma geral, as substâncias mais desvalorizadas em relação aos riscos são o álcool e o tabaco. Este aspecto pode encontrar explicação no facto de se tratar de substâncias socialmente aceites e, sobretudo, no caso do álcool, culturalmente valorizadas. Uma das observações que aparece de forma transversal aos vários registos nos diários vem, precisamente, neste sentido e tem que ver com referências ao “consumo social de álcool”. Esta perspectiva aparece, geralmente, associada à desvalorização dos riscos do consumo abusivo, também admitido por alguns indivíduos e identificado pelos pares-voluntários. Por exemplo, no “Uma só Voz Festival” onde o “álcool [era] vendido em garrafas de água (5L)” (notas do diário de bordo de um dos pares-voluntários na festa da ESAD).

Relativamente às substâncias sintéticas – ecstasy e outras “pastilhas” – embora haja o reconhecimento de “grande risco”, qualquer que seja o padrão de consumo (mais ou menos frequente), a diferença percentual daqueles que apontam os riscos de gravidade menos acentuada não é significativa. Dito de outro modo, pode verificar-se um certo equilíbrio entre as respostas que apontam o consumo destas substâncias como tendo um elevado risco, um “risco moderado”, “baixo” ou até “sem risco”. E esta tendência é transversal à frequência do consumo, que vai da experimentação ao consumo diário. Ora, isto vai ao encontro do comentário realizado a cima, em que defendíamos a existência de consumos de substâncias sintéticas entre os inquiridos. E reforça a pertinência da intervenção deste Projecto, nomeadamente nas acções assentes em estratégias de informação sobre as substâncias e os seus efeitos imediatos em termos psicoactivos e a longo prazo no estado geral de saúde.

Face à percepção dos riscos, importa considerar os cuidados que os inquiridos consideram adequados aquando do consumo das diversas substâncias. Situamo-nos, pois, no domínio da **redução de riscos e minimização de danos**. Em termos gerais, os frequentadores de espaços recreativos inquiridos têm noções acerca dos cuidados que devem acompanhar os consumos. Como se pode ver na tabela apresentada, destacam-se três tipos de cuidados que aparecem de forma transversal às várias substâncias, “não conduzir”, “não misturar com outras substâncias psicoactivas” e “saber exactamente o que se está a consumir”. Estes dados são reforçados pelos registos da observação realizados pelo pares-voluntários, durante as acções do Projecto:

“Consideram-se bem informados acerca do assunto, excepto das consequências a longo prazo” (notas da Semana Académica de Leiria). Mais uma vez, este tipo de comentários reforça a necessidade da intervenção assente na informação associada aos efeitos das substâncias, tal como se tem vindo a fazer. Além de que, ainda de acordo com os registos dos diários de bordo, a distribuição de material, informativo ou promocional, facilita a abordagem e aumenta a receptividade dos frequentadores dos espaços de diversão nocturna.

Muito embora, um dos cuidados que aparece com alguma regularidade seja o “não misturar com outras substâncias psicoactivas”, temos identificado situações de policonsumos que correspondem a consumos combinados ou em sequência de várias substâncias (sintéticas, cocaína, haxixe, álcool ou outras). Em síntese, estes dados dão-nos uma panorâmica geral dos frequentadores dos espaços de lazer nocturno em que o Projecto tem vindo a intervir, em termos dos seus consumos, da percepção dos riscos associados e dos cuidados a ter durante os mesmos.

A par destes dados de natureza mais quantitativa há a considerar, de forma particularizada, outros que se prendem com a estratégia etnográfica utilizada e estimulada pelo Projecto, através do diário de bordo dos pares-voluntários. Aqui registam-se observações dos espaços e dos frequentadores, mas também dúvidas, inseguranças, enfim, todo o conjunto de impressões que resultam da experiência de estar no terreno no âmbito deste Projecto. Esta informação tem objectivos a dois níveis: por um lado, o tratamento dessa informação, na lógica da investigação-acção, que fundamenta a intervenção do *RSV*; por outro, serve como base às sessões de preparação e apoio continuado aos pares-voluntários.

Deste registo de observações importa, ainda, destacar algumas mais significativas relativamente a consumos problemáticos assumidos pelos indivíduos. Importa, aqui, destacar o haxixe, sobretudo, no contexto das festas académicas. Vejamos os seguintes exemplos. “Um grupo de jovens abordados consome haxixe, um admitiu consumir com regularidade e, mesmo, com alguma dificuldade em não consumir” (M, 20 anos, estudante, registo da Semana Académica de Leiria). “Um jovem que não vive sem consumir: «Fumo por gosto, para esquecer, porque é ‘bacano’; depende sempre do objectivo e sei que tem de ser moderado; comecei aos 15 anos com o grupo de amigos e até agora não parei; fumo todos os dias e, por vezes, mais do que uma vez»” (M, 22 anos, registo da Semana Académica de Peniche). “Abordagem difícil, ambiente pouco favorável [na ESAD]; cheiro intenso a “ganza”

que está facilmente identificada e pode ser facilmente adquirida” (notas do diário de bordo de um dos pares-voluntários na ESAD). Um dos indivíduos “demonstrou a revolta que sentia pelos ‘anti-droga’, pelo Ministério da Saúde, identificando-os como os patrocinadores da droga sob disfarce de medicamentos. Vive na casa de amigos e não tem ‘posto fixo’. Revoltado com a mãe, que é médica, e com a ‘sociedade hipócrita que consome medicamentos e censura as ganzas”” (idem).

Estes registos vêm ao encontro do que outros estudos têm revelado a centralidade da cannabis “nos hábitos e modalidades conviviais do actor juvenil que participa no meio festivo” (Carvalho, 2007:99). Nestes contextos, os consumos de cannabis revestem-se de enorme naturalidade, estando integrados nos modos de estar, e sendo centrais para as modalidades de sociabilidade e convivialidade que a festa evidencia (idem).

2. Acções com pares e parceiros

A partir do diagnóstico efectuado, a intervenção nos espaços recreativos parceiros decorreu com base numa dinâmica de relacionamento centrada na colaboração contínua entre os agentes envolvidos: pares–voluntários com frequentadores, com *staff* dos espaços recreativos, com a equipa técnica, com a entidade promotora e com a consultoria. No sentido de reforçar esta dinâmica foram promovidas “Festas *RSV*”, que se revelaram fundamentais na crescente visibilidade e aceitação da intervenção.

Paralelamente, foram realizadas sessões de preparação e treino com os pares-voluntários com os objectivos de: desenvolver competências de intervenção em contextos recreativos nocturnos; esclarecer as dúvidas e inseguranças surgidas durante a intervenção e identificadas durante a supervisão no terreno; preparar as sessões de intervenção interpares.

Nestas acções pudemos verificar: um aumento do conhecimento sobre substâncias psicoactivas; uma maior capacidade para a desconstrução dos mitos associados a estes consumos; uma maior percepção dos riscos associados; um reconhecimento crescente da importância da intervenção assente em estratégias informativas (ex. distribuir folhetos e outros materiais), preventivas (ex. equipas de proximidade com frequentadores dos espaços de diversão nocturnos, que pretende evitar ou reduzir a probabilidade de existência de

consumos), e estratégias de redução de riscos e minimização de danos (ex. equipas de proximidade nos espaços de diversão nocturnos, distribuição de águas e informação específica sobre as substâncias psicoactivas, em contacto directo com os frequentadores); um aumento do conhecimento sobre os factores de risco e de protecção.

Realizamos, ainda, acções de (in)formação junto do *staff* dos espaços de diversão nocturna parceiros do Projecto. Nestas acções pudemos verificar: um aumento do conhecimento sobre substâncias psicoactivas; um aumento da desconstrução dos mitos associados a estes consumos; uma maior percepção dos riscos associados; um reconhecimento crescente da importância da intervenção assente em estratégias informativas (ex. distribuir folhetos e outros materiais), preventivas (ex. equipas de proximidade com frequentadores dos espaços de diversão nocturnos, que pretende evitar ou reduzir a probabilidade de existência de consumos), e estratégias de redução de riscos e minimização de danos (ex. equipas de proximidade nos espaços de diversão nocturnos, distribuição de águas e informação específica sobre as substâncias psicoactivas, em contacto directo com os frequentadores), mas também a manutenção da referência a estratégias repressivas (ex. fiscalizar, proibir o consumo, expulsar...).

Da leitura destes resultados destacamos a importância de se conhecer o domínio, mas também a necessidade de se adoptar um método que promova o interesse, a participação e o envolvimento dos actores envolvidos. Concretamente no caso do *RSV* referimo-nos às acções do *staff* dos espaços parceiros junto dos seus clientes e dos voluntários-pares nas acções com o grupo dos frequentadores em sentido alargado e com o grupo-alvo sinalizado (seleccionado entre os frequentadores contactados ao longo das intervenções). Neste sentido, Ribeiro (2005) salienta a importância de se considerarem os valores dos indivíduos, bem como o sentido que atribuem às suas acções, para defender que a intervenção deverá decorrer nos contextos dessas acções.

Estes dados evidenciam, ainda, a possibilidade de consolidar uma abordagem centrada no indivíduo, com ênfase na ausência de preconceitos e moralismos face aos consumos. Esta abordagem foi realizada a dois níveis: através de estratégias de redução de riscos e minimização de danos (RRMD) junto dos frequentadores dos espaços recreativos nocturnos, nesses próprios contextos; e através de acções dirigidas a grupos mais restritos de frequentadores.

No primeiro caso, consideramos a RRMD como uma abordagem humanista, orientada por uma perspectiva não valorativa sobre os comportamentos de consumo e sobre os seus estilos de vida adoptados e associados ao consumo (Andrade e outros, 2007). Neste tipo de intervenção pretende-se alcançar progressivamente maiores níveis de protecção e menores níveis de risco para o indivíduo e para a saúde pública (Marlatt 1999). Neste sentido, procura-se ir, gradualmente, ao encontro do nível de motivação para a mudança em que se encontra o indivíduo, sendo essencial estabelecer uma relação de confiança e empática.

No âmbito deste primeiro nível de intervenção foram abordados cerca de 9.000 frequentadores nos espaços parceiros e eventos académicos pontuais. Nestas abordagens é distribuído material informativo e promocional, como suporte ao estabelecimento da relação dos voluntários-pares com os frequentadores, no sentido do desenvolvimento das estratégias preventivas e de RRMD.

O segundo nível será alvo de maior atenção e desenvolvimento no ponto seguinte.

3. Intervenção com grupo-alvo sinalizado

A constituição do grupo-alvo da intervenção foi realizada a partir de jovens com comportamentos de risco identificados que exibiam sinais de uso ou abuso das diversas substâncias, sintéticas e naturais, frequentadores dos espaços de diversão nocturna parceiros do *RSV*.

Tendo em conta que se pretendia desenvolver uma abordagem interpares, informal e apelativa, foram criados os grupos *Sons & Ideias*, apresentados e divulgados como espaços de discussão de temas diversos relacionados com os contextos recreativos – a noite, a música, os consumos, os estilos... Partimos, pois da ideia de que as sociedades actuais são caracterizadas por uma relação com o consumo, enquanto elemento central do mercado, em que o lazer, o entretenimento e a diversão foram, também, apropriados pela indústria do consumo, integrando as lógicas de um mercado globalizado (Calafat e outros, 1999).

Neste contexto, esta fase da intervenção, foi orientada por uma perspectiva centrada no indivíduo, devolvendo-lhe a responsabilidade das suas escolhas, na construção de um estilo de vida próprio. Para tal, propúnhamos que os intervenientes – pares – questionassem conjuntamente a complexidade de aspectos psicológicos, sociais e culturais implicados na diversão e consumos associados. Definiram-se para tal, alguns temas principais a debater: auto-conhecimento e auto-imagem; substâncias e consumos; factores de risco e factores de protecção; comunicação verbal e não-verbal; pressão de pares; tomada de decisão. Para reforçar a implicação dos voluntários nesta intervenção inter-pares, estes foram intervenientes na preparação, organização destas sessões.

Constituíram-se 2 grupos – um em Leiria e outro na Nazaré – abrangendo cerca de 20 jovens frequentadores dos espaços de diversão nocturna parceiros do Projecto e dos eventos académicos. Também neste grupo se verificaram as tendências mais gerais identificadas na fase do diagnóstico, no que se refere à relação com as substâncias psicoactivas. Ou seja, os consumos predominantes são de álcool e cannabis, com a conseqüente desvalorização associada aos seus efeitos ao nível da saúde, bem como a existência de um conjunto de mitos ou desinformação em relação às substâncias e seus efeitos. Trata-se de jovens entre os 18 e os 30 anos, que trabalham ou estudam e que tendem a encarar o consumo de substâncias psicoactivas e o risco associado a esses consumos como um aspecto positivo das suas vidas (na linha das conclusões do estudo realizado junto de consumidores de substâncias sintéticas por Henriques (2003)). Neste sentido, o grande desafio foi o de procurar fomentar o espírito crítico no grupo inter-pares face às questões do divertimento e dos consumos de substâncias psicoactivas por forma a promover os factores protectores e diluir os factores de risco associados a cada indivíduo.

Conclusão

Concluindo, importa começar por reforçar a importância da estratégia de investigação-acção, que se revelou adequada à necessidade constante de conhecer, criticar e (re)situar o fenómeno dos consumos em contextos recreativos para que a intervenção fosse mais adequada à realidade da intervenção. Neste sentido, ao longo dos dois anos em que decorreu o Projecto *RSV* foi necessário adequar e redefinir estratégias interventivas – por exemplo, prevíamos incidir sobre o consumo de substâncias sintéticas, mas deparámo-nos com consumos

problemáticos mais explícitos (pelos dados recolhidos através dos inquéritos por questionário realizados na fase de diagnóstico e da observação etnográfica durante todas as intervenções realizadas). A importância desta estratégia foi ainda reforçada complementaridade metodológica utilizada que permitiu trabalhar dados resultantes de pesquisas mais extensivas (caso do questionário) com outros de carácter etnográfico que se revelaram fundamentais também no apoio à supervisão (permitindo nas acções com os pares-voluntários intervir sobre as dificuldades que tinham sentido no terreno)

Utilizando a cultura recreativa como instrumento de intervenção preventiva e em comportamentos de risco pretendemos, a médio-longo prazo, que os agentes envolvidos directamente no projecto – voluntários, frequentadores e *staff* – possam integrar nas suas práticas quotidianas as competências treinadas durante estes últimos dois anos, numa lógica de *empowerment*. Por isso, toda a estratégia de intervenção se centrou na interacção interpares, na disponibilidade para o diálogo, no respeito pelas diferenças. Esta traduziu-se na concretização de uma aproximação existencial que tornou possível a (re)construção do posicionamento face às escolhas. Promovendo, desta forma, a capacitação para uma atitude mais consciente e crítica face à diversão e aos consumos de substâncias psicoactivas de forma recreativa.

Referências Bibliográficas

Andrade, Paula Vale; Ludmila Carapinha; Miguel Sampaio; Susana Shirley; Isabel Rodrigues; Marta Silva (2007), “Para além do espelho. A intervenção de proximidade nas toxicodependências”, *Toxicodependências*, Edição IDT, Vol.13, nº2, pp.9-24.

Borges, C.; H. Filho (Coords) (2004), *Alcoolismo e Toxicodependência*, Lisboa, Climepsi Editores.

Calafat, Amador (coord.) (1999), *Night life in europe and recreative drug use. SONAR 98*, IREFREA & Comissão Europeia.

Carvalho, M. C. (2007), *Culturas Juvenis e novos usos de drogas em meio festivo*, Porto, Campo das Letras.

Fernandes, L. (2002), *O sítio das drogas*, Lisboa, Editorial Notícias.

Henriques, S. (2003), *O universo do Ecstasy*, Azeitão, Autonomia 27.

Marlatt, Alan (1999), *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*, Porto Alegre, Editora Artmed.

Ribeiro, Wânier (2005), *Drogas na escola*, São Paulo, Annablume Editora.

Webgrafia

EMCDDA (2006), <http://ar2006.emcdda.europa.eu/pt.html>.